

"Os personagens de Stephanie Perkins se apaixonam do jeito que a gente sempre quis: no tempo certo e sem pressa."

RAINBOW ROWELL

ISLA

e o

FINAL



FELIZ

STEPHANIE PERKINS



ISLA
e o
FINAL
 **FELIZ**

STEPHANIE PERKINS

TRADUÇÃO DE AMANDA MOURA



Copyright © 2014 by Stephanie Perkins

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, difundida ou armazenada sob qualquer forma ou por qualquer meio gráfico, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia ou gravação, sem prévia permissão por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Isla and the Happily Ever After

PREPARAÇÃO

André Marinho

REVISÃO

Viviane Maurey

DIAGRAMAÇÃO

editorfarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P526i

Perkins, Stephanie

Isla e o final feliz / Stephanie Perkins ; tradução Amanda Moura. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Isla and the happily ever after

ISBN 978-85-8057-739-6

1. Ficção americana. I. Moura, Amanda. II. Título.

15-22053.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Jarrod, meu melhor amigo e verdadeiro amor.



capítulo um

É meia-noite, está abafado, e eu devo estar muito dopada por causa dos analgésicos, mas aquele cara — aquele cara *bem ali* — é ele.

O cara.

A postura dele é tão familiar quanto um sonho recorrente. Ombros prostrados para a frente, cabeça inclinada para a direita e nariz a dois centímetros da ponta da caneta. Está concentrado. Meu coração dispara, e fico tão eufórica que chega a doer. Ele está bem perto, a apenas duas mesas de distância, olhando em minha direção. A cafeteria está fervendo. No ar, o aroma agri-doce do café se espalha. Três anos de desejo irrompem do meu corpo e saem pela minha boca para formar uma palavra:

— Josh!

Ele levanta a cabeça imediatamente. Por muito, muito tempo, apenas me encara. Depois... pisca.

— Isla?

— Você se lembra do meu nome... e sabe *pronunciá-lo*.

A maioria das pessoas me chama de “Is-la”, mas me chamo “Ai-la”, exatamente assim, “ai” de “aipo” e “la” de “lapiseira”. Abro um sorriso, mas no segundo seguinte me arrependo. *Ai!*

Josh olha ao redor como se estivesse procurando alguém e depois, devagar, pausa a caneta na mesa.

— Hum, é. Fizemos várias aulas juntos.

— Cinco aulas um ao lado do outro, doze aulas juntos no total.

Uma pausa.

— Certo — diz ele, apreensivo.

Outra pausa.

— Está tudo bem?

Um cara que parece uma versão jovem e cheia de piercings de Abraham Lincoln joga um cardápio plastificado em cima da minha mesa.

Não chego nem a olhar as opções e já peço:

— Alguma coisa pastosa, por favor.

Abe coça a barba, intrigado.

— Mas nada de sopa de tomate, mousse de chocolate nem gelatina. Só comi isso hoje.

— Ah. — A expressão de Abe se atenua. — Você está doente.

— Não — respondo.

Ele fecha a cara novamente.

— Ah, deixa pra lá.

E pega o cardápio de volta.

— É alérgica a alguma coisa? Só come alimentos *kosher*? É vegetariana?

— Hein?

— Vou ver o que tem na cozinha.

E, com isso, ele vai embora.

Volto a me concentrar em Josh, que continua me encarando. Ele olha para seu caderno de desenho, ergue a cabeça, olha para mim, depois volta a olhar para o caderno. É como se estivesse em dúvida se ainda estamos conversando. Abaixo a cabeça também. Começo a ter aquela sensação de que, se eu continuar falando, é provável que amanhã eu me arrependa amargamente.

Mas... é como se eu não conseguisse me conter — e não consigo mesmo, não quando estou perto dele —, então volto a erguer a cabeça. Sinto o sangue pulsando em minhas veias enquanto meus olhos o devoram. O nariz grande e bonito. Braços fortes, imponentes. A pele clara está ligeiramente bronzada por conta do verão, e uma pequena parte da tatuagem preta fica à mostra logo abaixo da manga da camisa.

Joshua Wasserstein. Minha paixão por ele ultrapassa todos os limites.

Ele ergue a cabeça de novo, e sinto minhas bochechas corarem. É o problema de todos os ruivos, em qualquer lugar. Fico aliviada quando ele pigarreia e fala:

— Não é estranho que a gente nunca tenha se encontrado antes?

Eu aproveito a deixa:

— Você vem sempre aqui?

— Hum... — Ele tamborila a caneta na mesa. — Não, eu quis dizer aqui, em Nova York. Eu sabia que você morava aqui pelo Upper West Side, mas nunca nos cruzamos.

Sinto um aperto no peito. É claro que eu sabia várias coisas sobre ele, mas nunca imaginaria que *ele* soubesse coisas sobre *mim*. Estudamos juntos no mesmo colégio interno em Paris, mas passamos as férias em Manhattan. Todo mundo sabe que Josh mora aqui porque o pai dele é senador pelo estado de Nova York, mas não há nenhuma razão especial para alguém se lembrar de que eu moro aqui também.

— Não saio com muita frequência — admito. — Mas hoje estou morrendo de fome e não tem nada para comer em casa.

Então, sabe-se lá como, me jogo no banco vazio em frente a ele. Meu colar, que tem um pingente em forma de bússola, bate na mesa.

— Arranquei os sisos hoje de manhã e estou tomando um monte de remédios, mas continuo com dor, aí só posso comer coisas moles.

Josh esboça o primeiro sorriso.

Um sentimento de satisfação me invade. Tento sorrir o máximo que consigo, embora a dor dificulte bastante.

— Do que você está rindo? — pergunto.

— Analgésicos. Faz sentido agora.

— Ah, merda! — Bato o joelho na mesa. — Estou tão chapada assim?

Surpreso com a pergunta, ele ri. As pessoas sempre riem quando me ouvem dizer “merda”, porque não esperam que uma palavra dessas saia da boca de uma garota tão pequena, delicada e com uma voz tão baixinha, tão meiga.

— Achei mesmo que tinha alguma coisa diferente, só isso.

— Os efeitos colaterais incluem a terrível combinação de exaustão e insônia. E é por isso que estou aqui agora.

Josh ri de novo.

— Extraí os sisos no verão passado. Amanhã você já vai se sentir melhor.

— Ai, jura?

— Bom, não exatamente amanhã. Mas nos próximos dias.

Nossos sorrisos dão lugar a um silêncio reflexivo. Conversamos pouquíssimas vezes na escola e nunca fora dela. Sou tímida demais, e ele, reservado demais. Além disso, Josh namorava a mesma garota desde... desde sempre, ao que parecia.

Namorava.

Os dois terminaram no mês passado, logo depois de ela ter se formado. Josh e eu ainda temos o último ano pela frente. Ah, como eu queria que por algum motivo ele se interessasse por mim, mas... não há motivo algum. A ex dele era determinada e extrovertida. Exatamente o oposto de mim. Talvez tenha sido por isso que fiquei surpresa quando, de repente, me vi apontando para o caderno de desenho dele, tentando avidamente prolongar este momento, o milagre que é esta conversa.

— O que você está desenhando aí? — pergunto.

Ele estende os braços para cobrir o desenho, uma espécie de caricatura de Abe Lincoln jovem.

— Ah, eu só estava... rabiscando.

— É o cara que acabou de atender a gente.

Sorriso. *Ai!*

Josh parece um pouco encabulado ao recolher os braços e desistir de esconder o desenho. Ele dá de ombros.

— E o casal ali no canto — diz ele.

Não estamos sozinhos, então?

Eu me viro e vejo um casal de meia-idade nos fundos do restaurante, lendo a *Village Voice*. Não há mais nenhum cliente, então não estou viajando tanto assim. Pelo menos acho que não. Viro-me para Josh de novo, me sentindo mais corajosa agora.

— Posso ver?

Eu pedi. *Não acredito* que pedi isso. Sempre quis bisbilhotar os cadernos dele, sempre quis *segurar* um deles. Josh é o artista mais talentoso da escola. Ele consegue fazer vários tipos de desenho, mas prefere os quadrinhos. Uma vez, escutei quando ele contou a alguém que estava trabalhando em uma história em quadrinhos sobre a própria vida.

Uma autobiografia. Um diário. Quais segredos essa história revelaria?

Na escola, eu sempre me contentei em dar uma espiada por cima do ombro dele quando o via desenhando, em observar os desenhos que ficam pendurados no estúdio esperando a tinta secar e os esboços grudados na porta dos amigos dele. Josh tem um estilo quase extravagante. Seus desenhos são melancólicos e belos, bem pessoais. Os traços são meticulosos, revelando o desenhista dedicado que ele é. As pessoas pensam o contrário, porque ele parece estar sempre sonhando acordado, mata aula e nunca faz o dever de casa, mas, quando vejo seus desenhos, sei que as pessoas estão enganadas.

Queria que Josh olhasse para mim do mesmo jeito que olha para os próprios desenhos, porque então ele veria que há algo a mais em mim além da *timidez*, assim como vejo que há muito mais nele além de *preguiça*.

Sinto minhas bochechas queimando de novo — como se ele pudesse ouvir meus pensamentos —, mas então percebo... que ele está me observando. Será que fui longe demais? Seu rosto agora exhibe uma expressão preocupada, e eu franzo o cenho. Josh assente em direção à mesa. O caderno dele continua ali, bem na minha frente.

Dou risada. Ele ri também, embora um pouco confuso.

O caderno continua aberto na página do desenho inacabado. Uma onda de emoção percorre meu corpo. Em uma página, Abe está olhando, entediado, para a divisória do caderno. Até mesmo os piercings do nariz, das sobrancelhas e das orelhas parecem enfatiados, aborrecidos. Na página ao lado, Josh reproduziu com perfeição as sobrancelhas franzidas e a expressão concentrada do casal sentado nos fundos do restaurante.

Bem de leve, toco a ponta de uma das folhas do caderno, uma área ainda sem tinta. Faço isso para provar a mim mesma que este momento é real.

— São incríveis. O caderno inteiro tem desenhos como estes, de pessoas? — pergunto, com uma entonação que deixa transparecer minha admiração por ele.

Josh fecha o caderno e o puxa para perto. As folhas estão amassadas por causa do uso. Na capa, há um adesivo azul imitando a bandeira dos Estados Unidos. À mão, uma palavra foi escrita na transversal: BEM-VINDO. Não sei o que significa, mas, seja lá o que for, gostei.

— Obrigado. — Ele sorri de novo. — Tem um monte de coisas aqui, mas, sim, a maioria são desenhos de pessoas.

— E você tem permissão para fazer isso?

Ele franze o cenho.

— Fazer o quê?

— Tipo, você não precisa da permissão delas?

— Para desenhá-las? — pergunta ele.

Confirmo com a cabeça.

— Não... Não vou usar os desenhos para nada em especial. Este caderno aqui é vagabundo. Não dá nem para arrancar as folhas.

— Você faz isso sempre? Desenha pessoas desconhecidas?

— Claro.

Com o dedo indicador, ele puxa sua xícara de café. Observo uma mancha preta de tinta perto de sua unha.

— Para ser bom, seja no que for, é preciso treinar — diz ele.

— Quer treinar comigo? — pergunto.

As bochechas de Josh ficam coradas no momento em que Abe chega com nossos pedidos e coloca dois pratos na mesa.

— Canja de galinha e cheesecake — anuncia Abe, olhando para mim. — É o que temos.

— *Merci* — agradeço.

— De nada — responde ele em espanhol, revira os olhos e se retira.

— Qual é a desse cara? — digo, devorando a torta. — Caracamuitobom! — murmuro de boca cheia. — Querumpedaço?

— Hum... não, obrigado. — Josh parece espantado. — Você deve estar com muita fome, hein?

Devoro o resto com mais prazer ainda.

— E então, você mora por aqui? — pergunta ele, depois de certo tempo.

Engulo e respondo:

— A dois minutos daqui.

— Eu também moro perto. Dez minutos.

Devo ter feito cara de surpresa, porque ele acrescenta:

— Eu sei. Estranho, não é?

— É legal.

Engulo a canja de galinha.

— Aimeudeus, que delícia... isso está muito bom.

Josh fica me observando por um momento, em silêncio.

— Mas então... Está falando sério? Não tem problema mesmo eu desenhar você?

— Sim, é sério. Eu adoraria. — *Eu adoro você!* — O que eu tenho que fazer?

— Não esquenta. Relaxa e continua aí fazendo o que você estava fazendo.

— Há! Você vai me desenhar comendo que nem um cavalo. Não, melhor: um porco. É. Um porco. Estou parecendo um cavalo ou um porco?

Josh balança a cabeça, achando graça. Ele abre o caderno em uma folha em branco e olha para mim. Nossos olhares se cruzam. Fico embaçada.

Avelã.

Acrescento a palavra a minha lista mental de “Coisas sobre o Josh”. Às vezes os olhos dele parecem verdes, às vezes castanhos. Agora sei por quê.

Avelã. Os olhos dele são cor de avelã.

Mergulho em uma névoa marrom-esverdeada. O rangido da caneta dele se mistura ao som agudo do folk antigo que emana dos alto-falantes, uma melodia cheia de desejo, perturbação, angústia e amor. Lá fora, uma tempestade começa. A chuva e o vento se unem à trilha sonora, e eu canto junto. Minha cabeça acaba batendo no vidro da janela.

Eu desperto, perplexa. Minha tigela de sopa e meu prato estão vazios.

— Faz quanto tempo que estou aqui?

— Um pouquinho.

Josh sorri.

— Esse remédio aí que você tomou... é coisa boa, hein? — brinca ele.

Solto um gemido.

— Eu não estava babando, estava?

— Não. Você parece feliz.

— Eu *estou* feliz — digo. Porque... estou. Sinto a vista escurecer.

— Isla. *Está na hora de irmos embora* — sussurra ele.

Levanto a cabeça. Quando foi que eu a deixei cair na mesa?

— A Kismet vai fechar — continua ele.

— Que Kismet? O que é isso?

- Destino, em inglês.
- O quê?
- O nome desta cafeteria.
- Ah, entendi.

Josh e eu saímos para a noite escura. E continua chovendo. As gotas de água são espessas e quentes. Cubro a cabeça com as mãos e Josh enfia o caderno debaixo da camisa. Olho de relance para o abdômen dele. *Delícia.*

— *Gostoso.*

Ele se assusta.

— O quê?

— Hã?

Josh arqueia os cantinhos dos lábios, sorrindo. Quero beijá-los. Um beijo em cada cantinho.

— Tá legal, doidinha. — Ele balança a cabeça. — Para que lado?

— Para que lado o quê?

— Sua casa. Para que lado fica a sua casa?

— Você vai para a minha casa?

Fico extasiada.

— Vou levar você até lá. Está muito tarde e chovendo muito.

— Ah, legal. Você é legal.

As luzes amarelas dos faróis se refletem no asfalto molhado. Indico a direção para Josh, e atravessamos a avenida Amsterdã. A chuva engrossa.

— É para lá — digo, e caminhamos um quarteirão inteiro curvados, passando debaixo de uma sequência de andaimes.

Os pingos de chuva batem no metal, fazendo um barulho que lembra uma máquina de pinball.

— Isla, espera!

Mas é tarde demais.

Normalmente, os andaimes são perfeitos para nos protegermos da chuva, mas às vezes o encaixe das barras de alumínio acaba formando um funil que acumula água, e aí, em vez de se proteger, você fica ensopado. É o que acontece comigo. Estou ensopada. Da cabeça aos pés. Meu cabelo gruda no meu rosto, meu vestido cola no corpo e a água entra nas minhas sandálias, encharcando a sola dos pés.

— Ha-ha!

Não tenho certeza se isso foi uma risada ou não.

— Você está bem?

Josh se curva ainda mais sob o andaime, desvia da cachoeira e para bem ao meu lado.

Caio na gargalhada. Rio tanto que minha barriga começa a doer.

— Dói... a boca... para rir. Minha boca. A boca e o estômago. E a boca.

Ele ri também, mas está distraído. De repente seus olhos encontram os meus, e me dou conta de que Josh estava olhando para outro lugar. paro de gargalhar, mas continuo sorrindo. *Obrigada, funil safadinho.*

Ele se afasta, o corpo todo torto e desconfortável.

— Estamos quase lá, né?

Aponto para uma fileira de prédios do outro lado da rua.

— É o segundo. Aquele com os vidros verdes e meio acobreados e com telhas.

— Já os desenhei uma vez. — Ele arregala os olhos, embaçado.
— São lindos.

O prédio dos meus pais fica em uma rua com casas inspiradas na arquitetura flamenga do final do século XIX. Nosso bairro é um dos únicos na cidade em que os moradores podem enfeitar os degraus da entrada com flores sem correr o risco de que os pedestres as destruam.

— *Maman* gosta deles também. Ela gosta de coisas bonitas. É francesa. Foi por isso que fui estudar naquele colégio.

Minha voz ecoa enquanto Josh me conduz até a entrada cheia de flores cor-de-rosa que pendem do alto da porta. Estou em casa. Josh retira a mão das minhas costas, e só então me dou conta de que ele estava me tocando o tempo todo.

— *Merci* — agradeço.

— De nada.

— Obrigada.

— *De rien.*

O ar está tomado pelo perfume das rosas úmidas. Entro no prédio meio que cambaleando, tateando as paredes, e Josh fica na calçada, esperando, imóvel. Seu cabelo escuro está tão molhado quanto o meu agora.

Um fio de água escorre pela ponta de seu nariz. Com um dos braços ele aperta o caderno contra o peito, protegendo-o debaixo da camisa.

— Obrigada — agradeço de novo.

Ele fala mais alto para que eu o ouça do outro lado da porta de vidro:

— Vê se descansa, doidinha. Tenha bons sonhos.

— Sonho... — repito.

A maioria das histórias de amor não começa de forma grandiosa, com música romântica ao fundo e fogos de artifício no céu. Um encontro inusitado com o garoto dos seus sonhos logo depois que você arrancou os sisos e está dopada de analgésicos pode ser o início de uma bela história com final feliz.

Será que vai ser assim com Isla e Josh?

Juntos, eles vão acabar descobrindo que nem a paixão nem os momentos inesquecíveis conseguirão adiar as decisões importantes que cada um precisará tomar quanto ao próprio futuro.

"Um belo exemplo do fenômeno físico e emocional que é se apaixonar pela primeira vez."

KIRKUS REVIEWS

ISBN 978-85-8057-739-6



9 788580 577396

www.intrinseca.com.br